

## CUIDADOS ÉTICOS COM O PACIENTE PALIATIVO: O AUXÍLIO OFERTADO PELA EQUIPE

Maria Carolina Schmitz Rambo

Valquiria Jung Rosa

Tania Regina Aosani

### Resumo

O presente ensaio teórico busca discutir e compreender sobre os aspectos relacionados aos cuidados éticos com o paciente em cuidados paliativos. Os cuidados éticos podem ser compreendidos como um processo de reflexão acerca das questões que envolvem os pacientes em cuidados paliativos, bem como seu círculo social – família e amigos – que serão afetados com a situação e as posteriores decisões sobre seu familiar. Levando em consideração que a pessoa em cuidados paliativos pode não estar apta para tomar decisões, é importante que a equipe envolvida, juntamente com a família, pense na melhor ação visando à qualidade de vida do paciente. Diante disto, será abordada a melhor forma da equipe se preparar para estarem aptos a auxiliar os familiares para as futuras ações frente ao diagnóstico, bem como a importância do psicólogo para o enfrentamento do luto – tanto para os familiares e paciente quanto para a equipe.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos. Bioética. Atitudes da Equipe.

### 1 INTRODUÇÃO

A OMS apud Arantes (2019, p. 41) define Cuidados Paliativos como: "Cuidados Paliativos consistem na assistência, promovida por uma equipe multidisciplinar, que objetiva a melhoria da qualidade de vida do paciente e de seus familiares diante de uma doença que ameace a vida, por meio da

prevenção e do alívio do sofrimento, da identificação precoce, avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais".

Segundo Lustosa e Porto (2010, p. 77), os cuidados paliativos não tem o "intuito de "salvar vidas", mas sim em proporcionar "boas mortes" a partir de uma humanização do morrer". A partir desta afirmação, é possível assegurar que os cuidados paliativos iniciam quando o diagnóstico do paciente informa que sua doença não tem mais cura, portanto, a tentativa será de aliviar a dor e oferecer qualidade de vida nestes momentos que antecedem sua morte. Desta forma, pode ser fornecido ao paciente, o que Lustosa e Porto denominam como "cuidado digno com as pessoas que têm dor e sofrimentos crônicos causados pela doença".

Portanto, após exposto os tópicos principais sobre o assunto abordado, justifica-se a escolha do tema como o interesse de reconhecer a importância dos cuidados paliativos para o paciente, sendo que isto só pode ser realizado a partir de uma equipe preparada. Ressalta-se aqui a relevância do preparo do médico, sendo este o responsável pelo tratamento da doença diagnosticada, olhando, na maioria das vezes, apenas para a doença, e não o paciente como um ser biopsicossocial. Isto também explica a grande valia do trabalho com uma equipe multidisciplinar, caracterizando funções específicas de acordo com suas profissões.

Em seguida, serão explanadas teorias que ajudam a entender a opinião das autoras. Bibliografias e autores serão citados, e após isto, o trabalho será concluído com a opinião e ideias pessoais acerca do exposto.

## 2 DESENVOLVIMENTO

É importante que no hospital os profissionais estejam aptos a lidar com o tema morte, visto que neste ambiente é comum que isto ocorra, bem como todos os processos do luto, que já iniciam antes da concretização da morte. Porém, Lustosa e Medeiros (2011, p. 204) citam que é uma difícil tarefa falar sobre este assunto, visto que a palavra morte remete a dor, sofrimento, tristeza, incerteza, entre outros. Cada indivíduo compreende a finitude

humana de formas diferentes, conforme suas vivências, portanto, não raro observam-se profissionais da saúde com dificuldades para dar o comunicado do falecimento.

Outro ponto que dificulta realizar essa tarefa é a maneira como a morte é compreendida pelos profissionais da saúde, pois há alguns que lutam contra a doença do paciente, e buscam curá-lo acima de tudo. Segundo Kovács (2005) apud Lustosa e Medeiros (2011, p. 205), quando não atingem este objetivo, compreendem-na como um fracasso, não sendo possível responder inúmeros questionamentos da família sobre o não sucesso do tratamento. Segundo Arantes (2019, p. 46), “[...]na faculdade aprendemos apenas a não abandonar a doença dele. Quando não há mais tratamentos para a doença, é como se não tivéssemos mais condições de estar ao lado do paciente.”. Segundo Moritz (2002) apud Lustosa e Medeiros (2011, p. 207): “A especificidade do sofrimento psíquico desses profissionais relaciona-se às suas possibilidades reais de sucesso e fracasso. A equipe médica é a que detém a maior responsabilidade de “cura” e, portanto a que tem maior sentimento de fracasso perante a morte do paciente sob seus cuidados”.

Conforme citado, assim como a equipe médica se responsabiliza pelo tratamento da doença, há a necessidade de olhar e cuidar de aspectos emocionais que circundam a doença. Portanto, o profissional de psicologia tem um importante papel neste ambiente hospital, compondo a equipe de cuidados paliativos. O psicólogo no hospital, além de olhar para as angústias do paciente e familiares, também deve ter um olhar para a equipe, pois o hospital passou a ser o local de morte, sendo que antes este local era a casa. A equipe deve estar preparada para acolher a morte, para não ser apenas mais uma em um leito hospitalar (LUSTOSA; MEDEIROS, 2011, p. 213-214).

Uma dificuldade que pode ser encontrada em várias equipes de saúde é a forma como comunicar uma má notícia. Em alguns casos, observa-se que esta notícia, mesmo não sendo tão grave, pode traumatizar a família e paciente pela forma como é comunicada, sendo assim, é

importante que esta notícia seja informada em um ambiente facilitador, no qual o médico consiga explicar a situação, em uma linguagem clara, que favoreça a compreensão dos interessados. Outro cuidado ético que se pode ter é contar para o próprio paciente sobre sua real situação, porém, tendo em vista a realidade emocional dos profissionais, isso é prejudicado pela falta de autocuidado em se defrontar com a própria finitude humana (LUSTOSA; MEDEIROS, 2011, p. 218-221).

Conforme Ciampone, Gutierrez e Silveira (2004, p. 10): "Para que essa equipe interprofissional consiga desenvolver seu trabalho com sucesso, torna-se imprescindível que a saúde mental de cada integrante seja mantida e aprimorada, uma vez que implica enorme ganho para os próprios profissionais envolvidos com os cuidados do indivíduo no fim da vida, e também para a qualidade desses cuidados oferecidos ao paciente e à família".

Diante do exposto, é fundamental a comunicação entre a equipe, que em conjunto encontram a melhor forma de acolher o paciente e demais familiares que receberam a notícia, levando em consideração a subjetividade e individualidade de cada caso. Desta forma, a responsabilidade de cada caso é dividida entre todos os membros da equipe de cuidados paliativos, não sobrecarregando o médico, que na maioria das vezes, durante sua graduação, teve o olhar voltado somente para a doença, e não para o paciente.

Para oferecer qualidade de vida ao paciente paliativo, é importante ter como objetivo o cuidar, que se difere do curar. Ao cuidar, leva-se em consideração o paciente doente, e não a doença – como no curar. Preconiza-se o cuidado humanizado, no qual o profissional já aceita a morte como condição humana. Sendo assim, ao cuidar do paciente paliativo, é importante "oferecer qualidade de vida aos dias, e não dias a vida" (BALDESSARI, 2009, p. 78).

### 3 CONCLUSÃO

A partir do exposto, pode-se concluir que a equipe em cuidados paliativos tem um papel fundamental no cuidado com o paciente em fase terminal e seus familiares. Além disso, é necessário que a equipe encontre-se preparada para lidar com a morte, pois em seus ambientes de trabalho, isto ocorre com frequência. Com a preparação da equipe frente este tema, é possível que o paciente seja realmente cuidado com dignidade, prezando sua qualidade de vida. Também em consequência de uma equipe preparada, os cuidados éticos em comunicar más notícias podem ser melhor informados para a família e paciente, ofertando o acolhimento.

Após revisão bibliográfica, as autoras compreendem que é importante a preparação pessoal de cada profissional, principalmente para trabalhar com este tema, pois ele nos remete a questões e dificuldades pessoais e emocionais. Portanto, durante a graduação o assunto morte deve ser melhor abordado, e não visto como um tabu, trazendo o olhar empático dos profissionais, que passarão a ver a morte como parte da vida. Não obstante, é fundamental ressaltar a importância do profissional da psicologia para o autoconhecimento, pois mesmo quem cuida também precisa de cuidado. Ao tratar deste tema, é necessário o suporte psicológico, e o único profissional que possui aptidão para isto é o psicólogo.

Notou-se a possibilidade em pesquisar e estudar de que forma o paciente paliativo se sente, bem como o que é considerado qualidade de vida no fim da vida. São encontrados vários artigos que falam sobre a equipe e a importância da mesma estar bem preparada, mas poucos que abordam este tema diante da perspectiva do paciente. Enfim, é sempre de suma importância lembrar que na cama de um hospital, em estado terminal, encontra-se uma pessoa que é amada por muitos familiares e amigos, e ela necessita de um olhar especial.

#### REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana. A morte é um dia que vale a pena viver. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

BALDESSARI, Carlos Eduardo Freitas et. al. Cuidados Paliativos aos Pacientes Terminais: percepção da equipe de enfermagem. *BIOETHIKOS*, v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.saocamilosp.br/pdf/bioethikos/68/77a86.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2019.

CIAMPONE, Maria Helena Trench; GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello; SILVEIRA, Maria Helena. Percepção da equipe multidisciplinar sobre cuidados paliativos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, v. 17, n. 1, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v17n1/1809-9823-rbagg-17-01-00007.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2019.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM – Brasil). Código de Ética Médica. Resolução CFM 1931, de 17 de setembro de 2009. Disponível em: <<https://portal.cfm.org.br/images/stories/biblioteca/codigo%20de%20etica%20medica.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2019.

LUSTOSA, Maria Alice; MEDEIROS, Luciana Antonieta. A difícil tarefa de falar sobre morte no hospital. *Rev. SBPH*, v. 14, n. 2. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v14n2/v14n2a13.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2019.

LUSTOSA, Maria Alice; PORTO, Gláucia. Psicologia Hospitalar e Cuidados Paliativos, *REV. SBPH*, v. 13, n. 1, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v13n1/v13n1a07.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2019.

Sobre o(s) autor(es)

Maria Carolina Schmitz Rambo, acadêmica do 9º período de Psicologia. E-mail: maaaria.12@hotmail.com

Valquiria Jung Rosa, acadêmica do 9º período de Psicologia. E-mail: valquiriajungrosa@hotmail.com

Tania Regina Aosani, professora do curso de Psicologia, mestre em Ciências da Saúde. E-mail: tania.aosani@unoesc.edu.br